

O TDAH E A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DOS PROFESSORES

Vitória Maria Fiori de Araújo (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi (Orientadora), e-mail: sfryaegashi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Ciências Humanas / Educação

Palavras-chave: medicalização, prática pedagógica, dificuldades de aprendizagem.

Resumo:

O TDAH é definido como um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere na aprendizagem e no desenvolvimento. Em decorrência dessa definição e da crença de que esse transtorno é um problema orgânico e da alçada médica, tem sido observado um número alarmante de crianças e adolescentes que são encaminhados para diagnóstico e tratamento medicamentoso. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo realizar um estudo de cunho teórico sobre os discursos dos professores a respeito do TDAH e da medicalização das crianças e adolescentes. Para tanto realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de analisar o discurso de professores e equipe pedagógica sobre e encaminhamento de crianças que não aprendem para os profissionais da saúde. Os resultados revelam as crianças que fracassam na escola, são vistas pelos professores e equipe pedagógica, como sendo desatentas, agitadas, impulsivas e com dificuldades para aprender. Em virtude de tais características consideram que essas crianças necessitam de tratamentos clínicos para seus problemas acadêmicos, centrando a dificuldade de aprendizagem unicamente no aluno e retirando da instituição escolar seu papel nesse processo. Chegou-se à conclusão de que medicalização da educação centra a responsabilidade pelos problemas nos indivíduos/alunos, de forma que autoridades, profissionais e governos são distanciados de suas responsabilidades.

Introdução

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é popularmente conhecido como sendo um transtorno neurobiológico caracterizado pela combinação de sintomas de desatenção, hiperatividade (inquietação motora) e impulsividade. Atualmente, em grande parte dos países, a definição de TDAH é feita com base no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014). No referido manual, o TDAH está incluído nos transtornos de neurodesenvolvimento, juntamente com enfermidades

psíquicas como transtorno do espectro autista, deficiência intelectual, transtornos específicos da aprendizagem e transtornos motores.

Para critério de diagnóstico, a pessoa deve apresentar pelo menos seis sintomas de desatenção e/ou seis sintomas de hiperatividade-impulsividade que constam de uma lista. A lista dos sintomas de desatenção inclui sintomas como: frequentemente não prestar atenção, dificuldade em manter a atenção na realização de atividades escolares, perder materiais frequentemente, parecer não escutar quando alguém lhe dirige a palavra (APA, 2014). A lista dos sintomas de hiperatividade e impulsividade, por sua vez, inclui descritores como: frequentemente remexer mãos ou pés, levantar da cadeira quando deveria permanecer sentado, falar demais (APA, 2014).

No que se refere às condutas e aos tratamentos utilizados para o TDAH, encontramos na literatura uma abordagem que enfatiza o tratamento individualizado, com o uso de medicamentos e o acompanhamento com diferentes profissionais. Há, ainda, estratégias de orientação à família e à escola (SILVA; BATISTA, 2020). O encaminhamento de crianças para as redes de saúde em busca de avaliação médica tem sido cada vez mais frequente. Neurologistas, psiquiatras, psicólogos e psicopedagogos recebem crianças encaminhadas por docentes e outros/as profissionais da escola para avaliação médica, resultando no aumento do número de diagnósticos de crianças e, conseqüentemente na indicação de uso de medicamentos (ARAUJO; ANJOS; PEREIRA, 2020).

Frente a esse contexto, a questão orientadora que se busca responder com esse estudo é: O que tem sido produzido pela literatura sobre os discursos dos educadores a respeito do TDAH?

Materiais e Métodos

Para alcançar o objetivo do estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2017), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo fato de utilizar amplo material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses, dissertações e artigos científicos.

Resultados e Discussão

Por falta de conhecimento das características do TDAH, as crianças que possuem esse transtorno não são compreendidas e suas necessidades não são atendidas, conseqüentemente esses alunos acabam sendo prejudicados na escola.

Por não ter conhecimento das causas e conseqüências do TDAH, a escola (professores e equipe pedagógica) tende a se eximir de suas responsabilidades. Assim, ao invés de assumir a função de ensinar, encaminha essas crianças com “comportamentos desviantes” para profissionais da saúde a fim de que sejam avaliadas e recebam tratamento medicamentoso.

No que se refere aos comportamentos considerados desviantes, cabe a reflexão de que estes são considerados desvios em relação a um padrão julgado aceitável por determinado segmento social ou institucional. “Aquele que apresenta um comportamento desviante está sempre sendo comparado com outro que apresenta um comportamento considerado correto dentro de um padrão, estabelecido

socialmente, que permite essa classificação, conforme sugerem diferentes autores” (SILVA; BATISTA, 2020, p.14).

Em seu discurso, quase sempre os professores e a equipe pedagógica, referem-se às crianças que fracassam na escola como sendo desatentas, agitadas, impulsivas e com dificuldades para aprender. Em decorrência disso, consideram que essas crianças necessitam de tratamentos clínicos para seus problemas acadêmicos, centrando a dificuldade de aprendizagem unicamente no indivíduo e retirando da instituição escolar seu papel nesse processo (SILVA; BATISTA, 2020).

De acordo com Cruz, Okamoto e Ferrazza (2016), o sistema escolar indiretamente se apropriou da patologia como forma de camuflar as reais necessidades que a escola precisa atender, isto é, investimento na capacitação dos professores para transmitir conteúdos, lidar com o aluno que possui TDAH e/outras necessidades educacionais especiais, desenvolver técnicas e estratégias novas voltadas para um saber emancipatório, formando pessoas responsáveis e autônomas.

Da mesma forma, Moysés e Collares (2020) questionam o uso de medicamentos em crianças que apresentam dificuldades em aprender, que não conseguem se concentrar nas aulas ou que vivem “no mundo da lua”, pois consideram que estes comportamentos são padrões determinados pela sociedade. Para as autoras, a criança torna-se vítima do próprio sistema de saúde ao ser rotulada e estigmatizada. Consideram que medicalização da educação centra a responsabilidade pelos problemas nos indivíduos/alunos, de forma que autoridades, profissionais e governos são distanciados de suas responsabilidades.

Corroborando, Silva e Batista (2020) afirmam que a cultura de medicalização distancia o homem de si mesmo e de seu meio, pois ele passa a depender do poder médico. Nas palavras das autoras: “comportamentos passam a ser vistos como sintomas de doenças, e problemas coletivos se tornam problemas individuais, de forma que o sujeito carece de tratamento enquanto instituições não tomam sua parte em uma discussão mais ampla” (SILVA; BATISTA, 2020, p. 8). Nesse sentido, ao invés de encaminhar para tratamento medicamentoso a escola deveria investir no processo de ensino aprendizagem de todos os alunos, assumindo sua função social.

Conclusões

De acordo com as leituras realizadas para o presente estudo, chegou-se à conclusão de que a inclusão é um assunto que ainda gera uma condição desfavorável para o aluno com necessidades tanto físicas quanto cognitivas no sistema regular de ensino. Ao tratar sobre o conhecido transtorno de aprendizagem denominado pela sigla TDAH, verificou-se que os profissionais da educação carecem de conhecimentos específicos a respeito do mesmo.

A comunidade médica exerce um papel importante em busca de novas respostas sobre causas e consequências do transtorno, todavia é preciso superar essa conduta medicalizante adotada pelos profissionais da saúde.

Nesse sentido, o conhecimento sistematizado do professor é essencial a fim de que se ocupe de práticas pedagógicas eficazes, por meio de atividades lúdicas e jogos que desenvolvam a concentração dos alunos que apresentam TDAH.

Consideramos que o objetivo proposto foi atingido, mas é preciso que outros estudos sejam desenvolvidos a fim de que sejam investigadas estratégias pedagógicas e interdisciplinares, que visem o desenvolvimento desses alunos, abrangendo novos leques de oportunidades.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi, pelas orientações e acolhimento. Agradeço, ainda, à Fundação Araucária pela concessão da bolsa de iniciação científica, pois proporcionou-me o suporte necessário para o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, agradeço à UEM, pelo incentivo à pesquisa.

Referências

ARAUJO, L. A.; ANJOS, C. I.; PEREIRA, F. H. E quando a criança não corresponde às expectativas da escola? Reflexões sobre a relação com a família na busca por um diagnóstico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. esp. 5, p. 2899-2915, 2020.

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CRUZ, M. G. A.; OKAMOTO, M. Y.; FERRAZZA, D. A. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 703-714, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: A patologização da vida. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 57, p. 31-44, 2020.

SILVA, I. P. D.; BATISTA, C. G. Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 31, e20170184, p. 1-26, 2020.